



# NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!  
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim nº 17 - Nossa Classe RN, fevereiro de 2022.

Acesse: [nossa-classe.blogspot.com](http://nossa-classe.blogspot.com)

## SINDCONFECÇÕES FAZ ACORDO COM PATRÕES QUE MANTÉM PERDAS SALARIAIS!

*Por um piso salarial que cubra as reais necessidades de uma família operária!*

O sindicato dos trabalhadores da indústria de confecções (SINDCONFECÇÕES) firmou, com o sindicato patronal (SINDVEST), a Convenção Coletiva de 2022, que lamentavelmente consolida as perdas salariais do ano anterior. No ponto sobre o reajuste, estabelece o piso salarial como sendo o novo salário mínimo de fome de R\$ 1.212,00. Além disso, para quem ganha até R\$ 1.400,00, estabeleceu um mísero reajuste de 5,06%, que significa uma perda salarial real, uma vez que a inflação foi de 10,16% em 2021.

A inflação corrói o poder de compra. Quando o reajuste salarial é menor do que a inflação, isso significa que um operário da Guararapes ou de qualquer outra indústria do vestuário, com o salário que ganha, já não consegue mais comprar as mesmas coisas que antes. Isso se faz sentir, por exemplo, na mesa da família trabalhadora, onde alimentos como carne e frango já não mais aparecem.

Para se ter uma ideia, enquanto o reajuste foi de 5,06%, o aumento da cesta básica de alimentos em Natal foi de 21,25% entre janeiro de 2021 e janeiro de 2022, passando de R\$ 454,49 para R\$ 551,06. Isso significa um aumento de 96 reais somente na cesta básica. Se incluirmos os aumentos na energia, gás de cozinha, combustíveis, veremos como que o mísero reajuste de 5,06% significa de fato a consolidação de uma perda salarial.

Enquanto os operários sofrem com baixos salários, metas abusivas e prolongamento da jornada de trabalho, a Guararapes, maior indústria de vestuário do RN, teve um lucro líquido de 207,3 milhões de reais no 3º trimestre de 2021.

O boletim Nossa Classe vinha insistindo, nos últimos meses, que a direção do SINDCONFECÇÕES chamasse assembleias nas portas da fábrica, para construir um plano de luta unificado dos operários das confecções, com a defesa de um piso salarial que cubra as reais

necessidades de uma família operária, e por reajustes salariais de acordo com o aumento do custo de vida. Tendo como data base o dia 1º de janeiro, tratava-se de organizar, com antecedência, uma forte campanha salarial, mobilizando a categoria e aprovando o indicativo de greve, caso a patronal rejeitasse as reivindicações dos trabalhadores.

No entanto, a direção do sindicato se limitou a sentar com o patrão e assinar um acordo, que consolida as perdas salariais da categoria no último período. Toda negociação, sem luta, leva à derrota e a perdas de direitos.

Diante da política de conciliação da direção do SINDCONFECÇÕES com os patrões, o **boletim Nossa Classe** coloca a necessidade de organizar uma **oposição revolucionária**, para recuperar o sindicato como instrumento de luta coletiva da categoria, retomando os métodos operários de organização e luta, como as assembleias na porta das fábricas, as paralisações, greves, piquetes e manifestações. É somente dessa forma que os operários conseguirão recuperar direitos perdidos e conquistar mais direitos.

O **Nossa Classe** se coloca por uma **oposição revolucionária** no SINDCONFECÇÕES, que defenda:

- 1) *Por um piso salarial que cubra as reais necessidades de uma família operária;*
- 2) *Reajuste salarial de acordo com a inflação;*
- 3) *Fim do banco de horas;*
- 4) *Reincorporação imediata dos demitidos na pandemia e contratação de mais trabalhadores;*
- 5) *Estabilidade no emprego;*
- 6) *Assembleias democráticas nas portas de fábrica;*
- 7) *Retomar os métodos tradicionais de luta: paralisações, greves, piquetes e manifestações de rua!*

## Sobre o Banco de Horas

Os patrões cada vez mais têm se utilizado do banco de horas para prolongar a carga horária dos operários e assim explorar mais a força de trabalho. No segundo semestre do ano passado, por meio do banco de horas, a fábrica Guararapes impôs aos operários o trabalho aos sábados e 1 hora a mais todos os dias. Mas o banco de horas nem sempre existiu. Surgiu 1998, e desde então tem se tornado cada vez mais arbitrário e abusivo.

O mecanismo da compensação de horas existe desde o surgimento da CLT, em 1943. Porém, no início, essa compensação deveria ser feita obrigatoriamente dentro da própria semana onde foi realizada a hora extra, caso contrário teria que ser paga no contracheque daquele mês. Em 1998, com a Lei 9.601, foi criado o banco de horas, com o estabelecimento de um prazo de 4 meses para a compensação das horas excedentes. Em 2001, com a MP 2.164-41, esse prazo passou a ser de 12 meses.

Quanto maior o prazo para a compensação, mais facilmente os capitalistas conseguem fraudar o banco de horas e não compensar as horas extras trabalhadas.

Até então, o banco de horas só podia ser realizado desde que estivesse expresso no acordo coletivo do patrão com o sindicato. Porém, em 2017, a Reforma Trabalhista tornou possível também o patrão impor o banco de horas diretamente ao operário, por meio de acordo individual. Dessa forma, sem a participação do sindicato na negociação, os operários ficaram ainda mais vulneráveis às arbitrariedades dos capitalistas.

O banco de horas serve, no fim das contas, para que os patrões façam com que os operários trabalhem mais, sem receberem nada. É necessário que os sindicatos e centrais sindicais organizem desde já uma luta para derrubar o banco de horas, que só beneficia o patrão.

***Pelo fim do banco de horas! Redução da jornada de trabalho, sem redução de salários! Pela escala móvel das horas de trabalho (divisão das horas de trabalho entre empregados e desempregados)!***

**Envie-nos comentários, sugestões e denúncias da fábrica. Preservamos o anonimato. Ou entre em contato para receber nossos materiais. WhatsApp: (11) 9-9990-3179**

*São Paulo*

### **Denúncia de um operário**

#### **Máquina quebrada, trabalho dobrado**

Um operário de São Bernardo do Campo, trabalhador de uma fábrica de papel e plástico bolha, procurou a militância que distribui o Boletim Nossa Classe (POR) para expor a condição de trabalho e dificuldades com a máquina que opera.

Diz o operário: A máquina, fabricada ainda na década de oitenta, não passa por manutenção há meses. O operário, assim, é obrigado, por parte da chefia, a consertá-la – já que a opera há muitos anos, e a fábrica é pequena. O operário passa a ter trabalho triplo: constrói o produto, conserta a máquina, e faz a preventiva. Isso sem aumento de salário ou redução de jornada.

O problema de manutenção de máquinas não é um problema isolado, particular às fábricas pequenas. A partir de abril de 2022, a Pepsico também passará a cortar a manutenção realizada por terceiros, passando o trabalho ao próprio operador, que fará as preventivas. Como a classe operária conhece muito bem as máquinas – sua mecânica e elétrica – e todo o processo de produção dos produtos, os patrões se

aproveitam para cortar gastos com a preventiva, com os trabalhadores terceiros, aumentando o trabalho do operário, e responsabilizando-o pela máquina.

Tanto os operários de fábricas pequenas e médias, como os de multinacionais, necessitam exigir que os sindicatos convoquem assembleias para unificar a luta para a contratação de trabalhadores da preventiva/manutenção das máquinas. É preciso constituir as comissões operárias nas fábricas, comissões classistas e revolucionárias, que organizem os operários para a luta pelas reivindicações, como essa de contratação de operários para a manutenção das máquinas e efetivação dos trabalhadores terceirizados diretamente pela fábrica.

Essa realidade também mostra que a classe operária não necessita de chefes e patrões; conhece a linha de produção, o funcionamento e manuseamento das máquinas, devendo tomar em suas mãos toda a produção. É tarefa da classe operária lutar, através das comissões classistas, pelo controle operário da produção.

**O boletim Nossa Classe não é vinculado a nenhum sindicato. É impulsionado pelo Partido Operário Revolucionário (POR).**